

**A Imprensa brasileira e argentina e a circulação de ideias: a temática da seca do Ceará e de Santiago del Estero nos periódicos *Correio da Manhã* e *El Mundo* na década de 1930.**

Leda Agnes Simões de Melo  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação  
em História Social UERJ/FFP  
Bolsista CAPES  
ledagnes@hotmail.com

**Introdução:**

Este artigo, fruto das pesquisas em andamento do doutorado, tem como objetivo analisar comparativamente como o *Correio da Manhã* em algumas edições se apropriou das falas de Euclides da Cunha, Gustavo Barroso e Rachel de Queiroz, dentre outros, para mostrar o que se entendia sobre o sertão do Ceará (Nordeste brasileiro) e a problemática da seca de 1932. E ao mesmo tempo, como o periódico argentino *El Mundo* se colocou como tribuna para as reflexões do escritor Roberto Arlt que foi correspondente da seca de 1937 em Santiago del Estero (Noroeste argentino) e também imprimiu seu olhar sobre essa região. Ambas escritas colocaram em questão as tensões existentes entre a velha dicotomia capital *versus* interior, legitimaram discursos reducionistas sobre as populações e a natureza semiárida e, por vezes, estigmatizaram suas trajetórias. Eles também nos revelam como a imprensa e uma intelectualidade se confundiam nesse contexto.

Consideramos que na década de 1930, o Brasil e Argentina buscavam entender qual era o lugar do interior na formação dessas nações. O resgate dos sertões brasileiros como o autenticamente nacional, não deixou de estigmatizar a natureza e as suas populações. A “selva santiagueña” também passou a ser pensada nesse contexto. Uma intelectualidade regional reivindicava o lugar do Noroeste na história nacional. Uma outra “*mirada*” deveria existir para além do Pampa. No entanto, ainda veremos visões que, ao fim e ao cabo, também culpabilizavam a natureza do possível “atraso” em que essa região se encontrava.

Não podemos deixar de compreender também que ideias racialistas cunhadas no século XIX<sup>1</sup>, ainda faziam com que os discursos para áreas do interior estivessem imersos em dicotomias, tais como: civilização *versus* barbárie, progresso *versus* atraso e modernidade *versus* tradição. Assim, quando se olhava para os semiáridos cearenses e santiagueños, por mais que se identificasse o desejo de integração nacional, unidade, reconhecimento do território, o que estava em voga era levar a modernidade para essas áreas vistas como “atrasadas” e pouco desenvolvidas. Entendemos a ideia de modernidade, dentro daquilo que Walter Mignolo nos aponta como fundamental ao se estudar a América Latina: não podemos deixar de entender que houve uma expansão colonial e imperial de um modelo ocidental de vida. Isso se deu não só no campo econômico, político e religioso, mas também no educativo e intelectual, tendo a frente no primeiro momento a Europa e depois os Estados Unidos(2015, p.120).Essa modernização vinculava-se a uma ideia de raça e identidade racial. Isso significava que “a América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira *id-entidade* da modernidade.””(QUIJANO, 2005,p.227). Ligava-se assim a uma “supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros”(QUIJANO, 2005,p.227).

Consideramos fundamental refletir sobre essas noções, por estarmos analisando duas regiões em que a população indígena, negra, mestiça, sertaneja, cabocla (para o caso cearense) são parte constitutiva da formação desses territórios. Logo, desde o contexto colonial, das racialidades na América, se que criaram “identidades sociais historicamente novas: *índios, negros e mestiços*, e redefiniu outras.” (QUIJANO, 2005, p.227). A ideia de raça, portanto, “desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal(...)os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade.”(QUIJANO, 2005, p.228)

Nesse sentido, ao analisarmos o jornal brasileiro *Correio da Manhã* e o periódico argentino *El Mundo* nas secas aqui propostas, não deixemos de pensar nos

---

1 Regiane Gouveia analisa: “A ideia de raça ao longo do século XIX esteve presente em muitos projetos nacionais na América Latina. As elites políticas e intelectuais, ansiosas por alcançar os ideais de civilização e progresso europeus, inspiraram-se em teorias racialistas e positivistas, desenvolvidas na Europa, para pensar esses projetos(...)teorias racialistas que influenciaram a intelectualidade latino-americana, contribuindo para diagnósticos pessimistas a respeito do continente(...)”(2016, p.14).

legados coloniais e na colonialidade do poder que dominaram os pensamentos formativos da América Latina. A imprensa, neste aspecto, é uma fundamental disseminadora de discursos e legitimadoras de visões de mundo. O discurso como detentor de poder, neste sentido, torna-se ponto-chave de entendimento dos padrões de dominação que estas áreas do interior foram expostas também no século XX. Nos é fundamental refletir, portanto, a aplicabilidade de certas expressões na construção de olhares diversos sobre esses semiáridos.

### **1. Os semiáridos cearenses e *santiaguenses*: um panorama geográfico**

A região do Nordeste é composta pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia. “O São Francisco separava o Nordeste do Leste e Sergipe e Bahia estavam integrados no Leste”(ANDRADE, 1988, p. 6). De acordo com Manuel Correia de Andrade, o Nordeste tornou-se desde o século XVIII fornecedor de mão de obra para o Sudeste, sendo um grande produtor de açúcar de cana, de álcool, fumo, cacau, carnaúba e algodão. Os sertões do Nordeste vão da margem direita do Rio Paraíba até o Rio Itapicuru, abrangendo os estados do “Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia”(CASTRO, 1984, p.165). O clima, portanto, é tropical seco, com chuvas escassas. Nessas áreas secas, de acordo com Andrade, houve o predomínio da pecuária extensiva de bovinos, caprinos e ovinos, da cultura de xerófilas e de algodão arbóreo; com uma agricultura de vazantes com a mandioca, a macaxeira, o milho, a cebola, o alho, dentre outros. Em período de chuva, o que era seco floresce e a caatinga fica um “oceano de verdura”(ANDRADE, 1977,p.129).

A ocupação dessas áreas pelos colonizadores só se intensificou “a partir do início do século XVIII, quando uma Carta Régia proibiu a criação de gado numa faixa contida desde o litoral até uma distância de 10 léguas em direção aos sertões”(CAMPOS e STUDART, 2002, p.2). O interior do Nordeste seco ficou configurado por uma população de índios e portugueses e com uma pequena parcela de negros nas roças. No interior do Ceará, a ocupação se deu, portanto, no século XVIII pela entrada nas ribeiras do Jaguaribe e do Acaraú(MELO, 2015, p.42). Foi nesse

contexto que, de acordo com Andrade, uma economia agrícola associada a sucessão hereditária levou à formação de médias e pequenas propriedades que deram origem aos latifúndios.

Já a região do Noroeste Argentino (NOA) é localizada no extremo noroeste da Argentina e tem como limites o Chile (oeste) e a Bolívia (norte). As províncias que a compõem são Jujuy, Salta, Tucumán, Catamarca e Santiago del Estero, e representam cerca de 16,7% do total da superfície continental do país(BOBBA, 2011, p.3). Santiago por se encontrar na área ocidental úmida, apresenta três grandes regiões: a floresta, a central e a salina.

De acordo com Alberto Tasso, Santiago se desenvolveu às margens dos rios, com a criação de animais, cabras, vacas, cavalos e mulas, em estreita relação com a floresta e seus recursos, o que teria definido não apenas os principais produtos econômicos exportáveis, como também a organização local, das relações de dominação e os tipos sociais predominantes(2004,p.114). A vida e a agricultura campesinas, até 1870, eram marcadas fortemente pelas tradições indígenas. Além desses fatores, no século XX, Santiago del Estero assistiu à entrada de imigrantes estrangeiros como espanhóis, italianos, sírios, libaneses, daneses, russos, onde se instalaram como comerciantes, agricultores, trabalhadores ou colonos(TASSO, 2004,p.118). Sendo assim, Santiago del Estero pertence ao Chaco seco, e seus solos, clima e flora são fatores centrais para todas as atividades produtivas. O clima meridional, de invernos breves a longa estação seca permitem compreender a importância da água como determinante para povoação e para produção(TASSO, 2004, p.112).

Nesse sentido, compreendemos que a composição territorial dos semiáridos deve ser entendida dentro do conceito de região. Para Pierre Bourdieu devemos considerá-lo não somente dando importância aos fenômenos físicos, mas entendendo as propriedades simbólicas que são utilizadas como estratégias de interesses diversos(BOURDIEU,1989,p.112) Nessa perspectiva, a luta pela representação no sentido de imagens mentais e manifestações sociais a respeito da identidade étnica ou regional são casos particulares “de lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição das

divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos”(BOURDIEU, 1989,p.113).

Logo, pensar esses semiáridos cearenses e santiagueños como territórios imersos em disputas de poder político, econômico e simbólico deve ser o ponto importante para considerar os discursos dos periódicos *Correio da Manhã* e *El Mundo*. Para além da própria natureza e do clima, existiu uma ideia de região e ela configurou esses espaços e as visões que se perpetuaram na década de 1930 sobre as secas nesses territórios.

## **2. *Correio da Manhã* e *El Mundo*: a construção de imaginários sobre as secas**

No início do século XX no Brasil – marco cronológico no qual se insere esta pesquisa –, os empresários do jornalismo não utilizavam mais o método artesanal para feitura de seus jornais, e sim passaram a se vincular aos interesses lucrativos de uma mercantilização dos impressos. O caráter opinativo não deixa de existir, mas era necessário, segundo Tânia de Luca, dar aos leitores um material mais atrativo, principalmente para uma classe média urbana. É nesse novo tipo de jornal que surgem os repórteres, os desenhistas, os articulistas, os redatores e, unida a isso, “a nobre função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a ‘verdade dos fatos’” (LUCA,2005,p.138). Considerando essa mudança, é nesse contexto de busca pela “verdade” que devemos entender os discursos; como essa imprensa periódica selecionava e narrava o que devia chegar ao público. É preciso “dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”, ou seja, “a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA,2005,p.140).

Desde o início de sua trajetória o *Correio da Manhã* adotou uma linguagem mais enxuta e direta do texto jornalístico. Fundado por Eduardo Bittencourt, em 1901, já procurava passar emoção aos seus leitores. Detinha um estilo “peculiar, cheio de emoção, que fazia com que o leitor participasse dos acontecimentos”(CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, 2001, p.22) Nessa mesma linha, o *Correio* também preocupava-se com a questão estética utilizando-se de “fotos, charges e ilustrações, muitas vezes, dando espaço a novos desenhistas”(CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, 2001,p.31);

característica que foi sendo aprimorada ao longo da trajetória do jornal. Soma-se a isso o fato de ser um periódico de grande repercussão e tiragem em todo o Rio de Janeiro e em outras cidades do país. “Jornais de localidades menores reproduziam artigos e reportagens publicadas originalmente no *Correio* e, vez ou outra, detinham-se em comentários daquilo que tinha sido produzido no Rio”(CAMPOS, 2015, p.460). Acabava por ter uma fala voltada para uma classe média urbana e seus pares.

O *Correio da Manhã*, em todo o período proposto para este trabalho, especificamente de 1930 a 1934, retratou os problemas dos semiáridos nordestinos, resgatou visões de intelectuais que apresentaram um olhar específico sobre o que deveria ser o “verdadeiramente nacional”, principalmente construindo um discurso sobre o Brasil pela via dos sertões. Se utilizou das reflexões de Euclides da Cunha, Rachel de Queiroz, Gustavo Barroso, dentre outros, para pensar os sertões nordestinos, em um contexto em que essas áreas estavam em voga e que também se pensava que o autenticamente nacional não devia ter influências estrangeiras, como assim acontecia no litoral.

Na Argentina, como analisa Alejandro Cattaruzza, foi no período anterior, especificamente no entreguerras, que ocorreu uma ampliação no ato de leitura nos setores médios e populares, com maior acesso aos livros, diários e revistas. Assim, diários como *El Mundo* passam a somar aos já existentes, como o *La Nación* (1870) e o *La Prensa* (1870) (2009, p.83-84). Sylvía Saítta, afirma que é no período dos anos 1920 que esses diários de cunho massivo e comercial surgem e se apresentam publicamente como populares, buscando representar o interesse das massas de anônimos leitores. Justificam sua existência através de um determinado tipo de representação do popular, diferenciando-se dos diários do século XIX(SAÍTTA, 2000, p. 438). No entanto, os diários passam a ser empresas comerciais cujo objetivo central era, de acordo com Cattaruzza, ganhar dinheiro, embora tenham se transformado em elementos de constituição e orientação da opinião pública(2009, p.84). Esta é uma semelhança com a trajetória dos jornais brasileiros nas décadas de 1920 e 1930.

O jornal *El Mundo* foi criado em 1928 por Alberto Haynes e circulou de 14 de maio de 1928 a meados de 1967. Foi o primeiro diário tabloide da Argentina, com tamanho menor do que os usados pelos periódicos tradicionais da época. Segundo

Susana Sel(2010), seu preço de venda era mais baixo, custando metade das outras publicações. Havia ainda as histórias populares e notícias sociais, incluindo também contos, comentários, modas, trabalhos e concursos semanais com prêmios para quem acertasse os resultados das partidas de futebol argentinas, por exemplo. Na criação do jornal, “o corpo editorial optou por trabalhar com o conceito de representante das causas sociais, relatando problemas enfrentados pelas classes baixa e média local, de modo comprometido com a veracidade dos fatos noticiados”(AMARAL, 2011, p.42-43). Nesse aspecto, como aponta Beatriz Sarlo, o periódico proporcionava um material com artigos breves, que podiam ser lidos por inteiro em uma viagem ao trabalho. O perfil adotado por *El Mundo*, com variedade de seções para diferentes públicos, narrações, notas de costumes, com histórias, cartoons e ilustrações se estende por toda a década de 1930(SARLO,2003,p.20).

*El Mundo* tornou-se uma fonte de ocupação para os escritores recém-chegados ao campo intelectual, a exemplo de Roberto Arlt. Cattaruzza afirma que muitos escritores fizeram do jornalismo a ocupação que lhes garantia salário. Isso aconteceu com Arlt cujas falas que retratam a seca de Santiago del Estero nos interessam particularmente. Em suas crônicas chamadas “*El infierno santiagueño*”, Arlt imprimiu um olhar a este fenômeno, em meio a um debate que via na literatura uma via útil, edificante, promotora de virtudes e uma ferramenta na tarefa de conquistar consciência e espírito para transformação social na qual os autores se empanhavam(CATTARUZZA, 2009,p.88).

Começamos nossas análises dos discursos dos periódicos com o *Correio da Manhã*. Vejamos uma reportagem em que o título era: “D’ ‘Os Sertões’ de Euclides da Cunha”, sendo o título principal da página *Terra do Sol, Terra do sofrimento*. Essas duas apropriações são singulares: a obra *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha e a obra de Gustavo Barroso (pseudônimo de João do Norte) *Terra de Sol* (1912). Em primeiro lugar, analisemos a reprodução feita pelo *Correio* de parte do livro *Os Sertões*:

Aproxima-se a seca(...)Entretanto não foge logo, abandonando a terra pouco a pouco invadida pelo limbo cadente que irradia o Ceará... o nosso sertanejo faz exceção a regra, a seca não o apavora. É um complemento a sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos(...)alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível(...)(CORREIO DA MANHÃ, Ano XXX, nº10.978, 1930, p.9)

Nessa narrativa, o sertanejo não tinha medo da seca, acostumou-se a ela e, apesar de viver nessa dolorosa situação, tinha sempre esperança e resistência para enfrentar o flagelo. A seca “é um complemento” da sua vida dolorosa, é uma luta indescritível, diz Euclides da Cunha, é a insurreição da terra contra o homem. Ora, o resgate de Euclides da Cunha como visão dos sertões nordestinos, na década 1930, corroborava com uma ideia de sertões específica, que inclusive nasce e se estende com o próprio Euclides e sua saga sobre o conflito de Canudos no sertão baiano.

Nesse aspecto, a retomada que se deu sobre a obra *Os Sertões* pelo *Correio da Manhã*, como forma de redescoberta de um Brasil e de uma brasilidade, foi fruto de um olhar que visava entender a nação por meio de um intelectual mergulhado nos modelos cientificistas, ou seja, ele via nos sertões a essência do nacional, ao passo que acreditava na crença do progresso, da civilização e da ciência. Ricardo Oliveira nos aponta que na narrativa de *Os Sertões* há “o estabelecimento de um tipo étnico que encarnasse a nação, o sertanejo”(OLIVEIRA, 2002, p.520). A máxima euclidiana “o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”(CUNHA, 1968, p.86) revela-nos o anseio pela autenticidade de uma população que se diferia da do litoral e nela estaria a gênese da nossa brasilidade. A mesma reflexão que posteriormente na década de 1930 fará o *Correio da Manhã* olhar para os sertanejos sob a ótica de *Os Sertões*. É nesse contexto que ocorrem “imagens positivas do homem do campo e seu trabalho”(LINHARES e SILVA, 1999, p.111) e sua incorporação imaginária pelo Estado. O campo e o homem tornavam-se “objetivos naturais de governabilidade”(LINHARES e SILVA, 1999,p.112) Com isso, era necessário “expandir as fronteiras agrícolas” (LINHARES e SILVA, 1999,p.113).

Vale destacar que Euclides da Cunha, como analisa Roberto Ventura, “acreditava ser inevitável a passagem da Monarquia à República. Sua formação positivista e evolucionista o levava à crença fatalista em uma série linear de etapas do desenvolvimento humano”(1996, p.277). Por isso, ao final de *Os Sertões* passou a questionar todos os elementos que eram considerados civilizados, inclusive a ciência na qual se formou. Segundo Mônica Velloso, portanto, Euclides da Cunha é a consagração de uma literatura a ser seguida, e isso se deu, principalmente, por seu caráter documental. Esse aspecto justificava o fato do *Correio* reapropriar-se dessa obra para



explicar que tipo de sertão eles queriam narrar, porque “Euclides é o próprio sertão, é Brasil” (1988, p.255).

É refletindo essa unidade nacional voltada para o interior que o *Correio* – na mesma página onde reproduz o trecho de *Os Sertões* – se apropria de um fragmento do livro de Gustavo Barroso chamado *Terra do Sol. Natureza e cultura do norte*. Refletindo então sobre esse autor que olha para o interior, destacamos o seguinte trecho reproduzido pelo jornal:

(...) todo sertão é duma grande tristeza, na cor, no silêncio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: um galho que range de encontro ao outro lembra um gemer de moribundo(...)um canto de pássaro, um alto pio d’ave de rapina (...) tudo é triste, tudo é melancólico (CORREIO DA MANHÃ, Ano XXX, nº10.978, 1930, p.9).

O sertão em Barroso inspirava tristeza, figurava-se assim do mesmo modo que em Euclides da Cunha, num lugar que apesar da melancolia superava esse aspecto, em contraposição a uma população heroica. Em um trecho do livro de Barroso *Terra de Sol*, não reproduzido pelo *Correio*, o autor citava Euclides da Cunha ao retratar o sertanejo como um “(...) sinal do imenso vigor da raça do Norte que o grande Euclides da Cunha chamou ‘rocha viva de nossa nacionalidade’”(1956, p.162). Classificava, em ainda a população dos sertões por sua “tenacidade na luta, quando o meio hostiliza e procura esmagá-lo”(BARROSO, 1956, p.167) ao passo que a desqualificava ao afirmar que era descuidada, indolente e imprevidente quando os tempos eram bons, ou seja, quando não havia seca.

Afonsina Moreira afirma que, para Barroso, “não bastava escrever memórias, era preciso defender a própria existência do passado que estava sendo oprimido pelo presente”(2006,p.18). A autora reflete que em suas obras, ainda há uma busca por uma identidade nacional e uma definição do que seria o popular. Do mesmo modo que resgatar a obra euclidiana estava em consonância com as reflexões feitas na década de 1930 sobre o que seria o verdadeiramente nacional, reapropriar-se de Gustavo Barroso – que também era um leitor euclidiano – estava inserido, naquilo que já mencionamos, como busca de um passado nacional comum.

O *Correio* também vai transcrever um trecho de *O Quinze* de Rachel de Queiroz. Nele vê-se um olhar de total sofrimento e angústia perante a seca de 1915 que é

retratada pela autora neste romance. Em parte da história, o filho de Chico Bento, Josias, morreu por conta da fome causada pela seca no semiárido cearense, e pela migração da família em busca de melhores condições, para capital de Fortaleza:

O ventre lhe inchara como um balão. O rosto intumescera, os lábios arroxeados, entre-abertos, deixavam passar um sopro cansado e angustioso (...) Desde a véspera, o Josias adoecera (...) A criança era só osso e pelle: o relevo do ventre inchado formava quasi un aleijão naquella magreza, naquelle couro secco de defunto, empretecido e mal cheiroso(CORREIO DA MANHÃ(Suplemento), Ano XXX, nº 10979,1930, p.25).

A figura aqui narrada em Queiroz é a do sertanejo que morre pela seca, pela fome, o retrato da criança moribunda que come uma raiz venenosa mostra-nos, de certo, uma característica de sofrimento ao pensarmos nos sertões, e até mesmo ao pensarmos no Nordeste. Em todo período de 1930, já percebemos uma ressignificação positiva do interior pelos intelectuais, no entanto, ainda imersa dessa visão fatalista ao refletir a questão do semiárido nordestino, principalmente em meio a seca. Contudo, percebemos uma diferença ao pensarmos em Queiroz também como forma de narrar os sertões. Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 1910 e era filha de uma família tradicional. Foi influenciada por romances regionalistas e, na década de 1930, foi simpatizante do comunismo. Queiroz não tinha a “via sociológica” para pensar os sertões, tão elogiada naquele contexto histórico. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr., “sua visão de revolução se assentava muito mais numa reação romântica à artificialidade do mundo moderno, à necessidade do uso de máscaras sociais”(2011, p.161). Neste aspecto, Rachel de Queiroz também era uma autora importante naquele contexto e para o próprio *Correio da Manhã*, já que “a literatura da década de 1930, a exemplo de *O Quinze*, passa a encenar as angústias da modernidade, os conflitos entre o homem e os contextos que o cercam”(SANTANA, 2013, p.26).

Pensemos agora como *El Mundo* retratou a seca santiagueña, por meio da visão do autor Roberto Arlt. Assim, podemos entender que a literatura e a imprensa, nesse contexto brasileiro e argentino, eram parte constitutiva da narrativa sobre o nacional. Mesmo que *El Mundo*, tenha se utilizado da visão de Arlt, como seu correspondente, para retratar a seca santiagueña, e não tenha se valido de outras falas de intelectuais, como assim o fez o *Correio da Manhã*, é evidente que a escolha de um autor como Arlt,

desejava mostrar um olhar específico sobre aquele acontecimento que marcou a vida de Santiago del Estero. Sua forma de narrativa interessava ao jornal, vejamos porque.

A primeira publicação de Roberto Arlt data de 1926 quando escreveu *O Brinquedo Raivoso*. Em 1929 escreveu *Os Sete Loucos*, em 1931 *Lança-chamas*. Posteriormente, escreveu *O Amor Bruxo* (1933), *O Corcundinha* (1933), livros de contos, e, mais tarde, enveredou para a produção teatral. Segundo María Kulikowski, Arlt sabia que dominar a escrita em sua complexidade, “era uma arma de poder da qual estavam excluídos a grande maioria dos argentinos, e sobretudo os imigrantes”(2000, p.106).

De acordo com Beatriz Sarlo, a literatura de Arlt tem um tom “realista” contendo um imaginário extremista e uma dureza. É uma crítica ao moralismo e ao sentimentalismo, principalmente porque o sentimentalismo abrandava a realidade. Como a autora aponta, “*Arlt es un transgresor de las reglas de lo verosímil*”, toda sua literatura tende a hipérbole e suas narrações são extremistas. Segundo Sarlo, Arlt falava do que ela chama da vida dos miseráveis, dos pobres, dos excluídos e sua literatura estava destinada a um público mais popular. Esta característica, a autora aponta como a “literatura plebeyo” de Arlt(2007, p. 232-235).

Janete Jorge destaca que seu trabalho realizado em *El Mundo* contribuiu para que ele “saísse do limbo e viesse à luz para diversos tipos de leitores”(JORGE,2014,p.543). Arlt nos anos 1920 iniciou uma coluna em *El Mundo* chamada “Águas-fortes Portenhas”, onde fazia “uma sutil observação das mudanças urbanas, sociais e políticas de Buenos Aires da primeira metade do século XX. Irônicas, incisivas, zombeteiras, as notas de Arlt são uma intervenção pública sobre os debates estéticos e culturais do momento”(KULIKOWSKI, 2000,p.117-118). De acordo com Laura Juaréz, há uma nova fase na escrita de Arlt nos anos 1930 na qual as crônicas sobre a seca santiagueña se incluíam. Para a autora, os textos passam a narrar e mostrar o que estava a “margem” das grandes notícias, tratando também do exótico e do outro(2011, p.793).

Vejamos a primeira crônica de “*En el infierno Santiagueño*”, em 07 de dezembro de 1937:

*Desperté a medianoche, bajo un cielo cuajado de estrellas, en medio del campo santiagueño (...) Estaba afiebrado de sol y de las aguas*

*fermentadas. Cerré los ojos y volví a abrirlos (...) Y pensé que esa misma hora, a poca distancia de mi cuerpo, también en medio del campo, bajo esa misma bóveda cuajada de estrellas titilantes, agonizaban centenares de bestias. Algunas ya no agonizaban. Estaban muertas y el rápido viento de la noche traía el olor dulzón de sus fermentaciones. Me acordé de todos los animales que vi agonizando bajo el sol; en las llanuras requemadas por la sequía*(ARLT, Año X, nº 3476, 1937, p.6).

No trecho acima, vê-se em Arlt uma natureza dura, o sol como elemento de agonia e sofrimento. A cena com vacas mortas e cabras praticamente cegas, objetivava mostrar o que ele mesmo colocava adiante nessa crônica: “*es necesario narrar sin temor de horrorizar a la gente*”. Era preciso falar daquilo que ele chama de “*espectáculo que ofrece una vaca refugiándose moribunda en un rancho abandonado, para terminar de morir allí*”(ARLT, Año X, nº 3476, 1937, p.6). Jens Andermann(2012) afirma que Arlt realizou um realismo visceral para dar conta da catástrofe climática.

O que encontramos nestas crônicas é exatamente o olhar realista de Arlt – que estamos salientando até aqui como característica de sua escrita – em conjunto com o seu desejo de compreender esse lugar “exótico”, acometido pelo fenômeno da estiagem. Além desse fator, Arlt passava a retratar a história de um lugar que não estava no cenário da vida moderna, agitada e de mudanças tecnológicas que era a Argentina dos anos 1930. A história da seca santiagueña, não deixava de estar inserida nos “atores anônimos” que os cronistas deste contexto almejavam mostrar ao público leitor e para os seus leitores “populares”. Podemos ainda perceber em “*El infierno santigueño*” um olhar extremista sobre a seca de 1935-1937, percebido já no próprio título da crônica.

Segundo Andermann, tais crônicas ressaltavam o impacto de cenas extremas de sofrimento e destruição sobre o espectador, construindo a figura do que ele chama de um periodista de “*cuerpo presente*”(2012,p.25). O autor afirma que é inegável a forte presença nos textos arltianos de uma profunda angústia.

No trecho abaixo, Arlt ressaltava:

*Son vacas. Caballos. Inmóviles bajo un sol que a las dos de la tarde alcanza la temperatura de 60 grados. Un sol tan ardiente, que en la sombra, el viento por caldeado ha calentado los hierros de mi máquina de escribir(...)De cerca, la piel está pegada sobre los zunchos de las costillas. Un caballo blanco ha caído al suelo(...)El animal queda vacilante de pie, de pronto inclina vertiginosamente la cabeza y comienza a comer: Está devorando sus propios*

*excrementos...otros, inmóviles, junto a un algarrobo o un espinillo, permanecen quietos en el mismo sitio durante dias, sin atreverse a echarse al suelo, porque saben que cuando caigan no se levantarán*(ARLT, Año X, nº 3476, 1937, p.6)

Novamente, a natureza é implacável na escrita de Arlt: o sol de sessenta graus, o vento quente que chegou a aquecer o ferro da sua máquina de escrever, os animais imóveis, o cavalo branco caído no chão que devorava seus próprios excrementos... É o expressar-se da natureza. Tal fato parece-nos a representação da seca em que a natureza toma vida, como se ela desse respostas ao ser humano. Andermann diz que na literatura desse contexto específico, a seca representava o idioma da paisagem e seu esgotamento (2012, p.25). O autor salienta que nos anos 1930, a América passava a se imaginar enquanto paisagem e isto se deu também no encontro do intelectual urbano e cosmopolita com o popular, o exótico e o “primitivo”, no intuito de construir com estes contrastes uma modernidade vernácula e universal. Este caso atrelava-se precisamente com as crônicas de Arlt no jornal *El Mundo* e com os casos analisados no *Correio da Manhã* sobre a seca do Ceará.

Sendo assim, no contexto da escrita de Arlt em *El Mundo*, podemos identificar aquilo que Sylvia Saítta afirma a respeito desses escritos que compõem esse novo tipo de periodismo. Esses cronistas da época, se convertem em espectadores e sutis observadores dos novos sujeitos sociais, estudando os aspectos físico e psicológico e os costumes com uma necessidade de identificar e caracterizar a cada um dos grupos sociais, recuperando o que a autora chama de anônimos personagens da vida social (SAÍTTA, 2000, p.458). É possível compreender, então, porque Arlt foi escolhido para retratar a seca santiagueña, já que esteve inserido nesse novo tipo de escrita. Podemos inferir que esses aspectos estão contidos também em suas crônicas sobre Santiago del Estero, corroborando com a hipótese atestada por Sarlo de que a escrita de Arlt era hiperbólica e narrava a vida dos pobres, dos miseráveis.

Refletimos, por fim, que essa análise comparativa entre esses periódicos e as realidades brasileiras e argentinas para as regiões semiáridas deve considerar “os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”(CHARTIER, 2002,p.17) Para Roger Chartier, “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (...) que tendem a impor uma autoridade à custa de

outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”(2002,p.17).

### **Considerações finais:**

As imagens e o discurso construídos pelo *Correio da Manhã*, por meio das diversas falas de intelectuais, bem como a ideia que Arlt colocou em voga nas suas crônicas para o jornal *El Mundo*, nos mostram o encontro da capital com o interior, ratificando a velha dicotomia que os separava, logo havendo a necessidade de reconhecer e conhecer esse outro. Ao passo que a natureza, a população, estavam tomadas de tons de sofrimento, angustia, morbidez. Parece-nos crer, nesses discursos, dentro das semelhanças e diferenças constitutivas de cada país, que havia uma narrativa de um “estado de eterna permanência” que uma região semiárida revelava aos leitores do *Correio da Manhã* e de *El Mundo*. A invenção dos espaços estava posta, neste sentido. Por mais que se passasse a olhar, por vezes, a modernidade como causadora de algumas das mazelas das desigualdades sociais existentes, os discursos brasileiros e argentinos, de dois periódicos de grande circulação nacional, ainda configuravam-se mostrando a natureza como problema, ou mesmo “mistificando” a população local; atribuindo a elas valores e maneiras de ser e agir condicionadas ou atreladas, por diversas vezes, ao meio ambiente onde viviam.

Pensemos, nesse aspecto, naquilo que Jens Andermann analisa: a paisagem, é um dos principais nós através dos quais podemos pensar a interseção entre práticas políticas e estéticas da modernidade. Andermann se pergunta quais foram, na América Latina do século XX, as práticas políticas e estéticas do espaço, poder e resistência que se incidiram na história(2008, p.2). Por isso, a paisagem, o espaço, a região, no Brasil e na Argentina da década de 1930, ganharam lugar central nas narrativas desses periódicos. Um modelo de vida “civilizado” deveria chegar a uma terra salina, “dura” ou mesmo de “difícil penetração” como as dos semiáridos cearenses e *santiagoños*. A seca revelava o incomodo de dois países, que ainda nesse contexto, não tinham integrado seus territórios mais longínquos a dita “modernidade”. Cabia, assim, justificar tal infortúnio e a natureza continuava, então, a ser a grande responsável por isso.

**Fontes:**

ARLT, Roberto. El infierno santiagueño. *El Mundo*. Buenos Aires: Año X- nº 3476, 07 de dezembro de 1937.

BARROSO, Gustavo (João do Norte). *Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria

“D’ “Os Sertões” de Euclides da Cunha”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Ano XXX, nº10.978, Rio de Janeiro, 1930.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1968. São José, 1956.

Terra de Sol. Gustavo Barroso. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Ano XXX, nº10.978, 1930.

Trecho do romance O Quinze de Rachel de Queiroz. *Correio da Manhã* (Suplemento). Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 10979, 5 de outubro de 1930.

**Referências Bibliográficas:**

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMARAL, Amanda Leticia Oliveira Nascimento do. *O olhar do cronista-flâneur Roberto Arlt sobre a cidade de Buenos Aires nas Aguafuertes Porteñas*. Tese de Doutorado em Literaturas Hispânicas. Pós-Graduação Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2011.

ANDERMANN, Jens. El infierno santiagueño: sequía, paisaje y escritura en el Noroeste argentino. *Iberoamericana*, XII, 45, (2012).

\_\_\_\_\_. Paisaje: imagen, entorno, ensamble. *Orbis Tertius*, 2008, XIII (14).

ANDRADE, Manuel Correia de. *O Nordeste e a questão regional*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1988.

BOBBA, María Elvira. Causas de las sequias de la región del NOA (Argentina). *Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011, p.1-19*.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, *Série Memória. Correio da Manhã compromisso com a verdade*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2001.

CAMPOS, José Nilson B.; STUDART, Ticiania. Secas no Nordeste do Brasil: Origens, causas e soluções. In: *XII Congresso Brasileiro de Meteorologia (CD-ROM)*. Foz do Iguaçu, PR, pp.2-10. 2002.

CAMPOS, Raquel Discini. A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. *Cadernos Pagu* (45), julho-dezembro de 2015, pp.457-478.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome (Dilema brasileiro: pão ou aço)*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Revista Antares, 1984.

CATTARUZZA, Alejandro. *Historia de la Argentina (1916-1955)*. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

CHARTIER, Roger. *História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

- GOUVEIA, Regiane Cristina. *América latina enferma: racismo e positivismo no pensamento político latino-americano em fins do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde)- Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: s.n 2016.
- JORGE, Janete Elenice. Roberto Arlt, um escritor torturado? *Revista Estação Literária*. Londrina, volume 12, jan.2014, pp.537-559.
- JUARÉZ, Laura. Literatura y crónica de los hechos en “tiempos presentes” y “al margen del cable”, de Roberto Arlt. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXXVII, Núms. 236-237, Julio-Diciembre 2011, pp.789-811.
- KULIKOWSKI, María Zulma M. Roberto Arlt: a experiência radical da escrita. *Revista USP*, São Paulo, nº47, setembro/novembro 2000.
- LINHARES, Maria Yedda Linhares; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Terra Prometida: uma história da questão agrária do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- LUCA, Tânia Regina de. “Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, pp.111-153.
- MELO, Leda Agnes Simões de. *O trabalho em tempos de calamidade: a Inspeção de Obras nos campos de concentração do Ceará (1915 e 1932)*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2015.
- MIGNOLO, Walter D. *Habitar la frontera. Sentir y pensar la descolonialidad (antología, 1999-2004)*. Barcelona: CIDOB y UACI, 2015, p.120.
- MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No Norte da saudade: Esquecimento e Memória em Gustavo Barro*. (Tese de Doutorado) – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2006.
- OLIVEIRA, Ricardo. Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, pp. 511-537.
- QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. En libro: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.
- SAÍTTA, Sylvia. “El periodismo popular en los años veinte.” In: FALCÓN, Ricardo (org.). *Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo VI de la Nueva Historia Argentina. Sudamerica: Buenos Aires, 2000. pp. 435-471.
- SANTANA, Joyce Maria dos Reis. *Narrativas do sertão e percursos mnemônicos em O Quinze, de Rachel de Queiroz*. (Dissertação de Mestrado).Universidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, Feira de Santana, BA, 2013.
- SARLO, Beatriz. *Escritos sobre literatura Argentina*. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Modernidad periférica: Buenos Aires 1920-1930*. 1ª ed. 3ª reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.
- SEL, Susana. La Prensa comercial: El Mundo y Mundo Argentino. *Revista Studium* 30, Unicamp, São Paulo, 2010, pp.83-92.



TASSO, Alberto & ZURITA, Carlos. Aves de paso. Los trabajadores estacionales de Santiago del Estero. *Trabajo y Sociedad*, nº 21, Invierno 2013, Santiago del Estero, Argentina, pp.33-47.

TASSO, Alberto. La sequía de 1937 en Santiago del Estero. Antecedentes y consecuencias de un acontecimiento ambiental. *Trabajo y Sociedad*, vol. XV, núm. 17, 2011, pp. 17-39.

\_\_\_\_\_, Un caso de expansión agraria capitalista seguido por depresión. Santiago del Estero, 1870-1940. *Población y sociedad* nº 10/11, 2003-2004, pp.109-136.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, pp.239-263.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. *Estudos Avançados* 10 (26),